

# ALMA • NOVA

V SÉRIE—JUNHO DE 1927—N.º 1

■ PREÇO 2 ESCUDOS. ■

# RESSURGIMENTO E D I T O R A

(Soc. Anon. Coop. de Responsabilidade Limitada)

◆ EM ORGANIZAÇÃO ◆

TODO O ESCRITOR E TODO O PATRIOTA  
PODEM TER AQUI A SUA ASSOCIAÇÃO  
CAPITAL EM ACCÓES DE 20 ESC. INTEGRALMENTE GARANTIDO



## RESSURGIMENTO É A EDITORIA DA REVISTA ALMA NOVA

e de todas as obras dos seus associados  
que interessem ao levantamento  
da cultura Portuguesa



### VOLUMES PUBLICADOS E NO PRELO

#### **Colecção da Grande Guerra**

*ten. Mateus Moreno :*

SANGUE D'EPOPEIA — A Artilharia Portuguesa na Flandres. Vol. de 160 pag. il., 5,000. (Autorisada a aquisição em O. E. n.º 3 (1.ª Série) de 1923.

DA GUERRA E DA PAZ (Sinfonia Macabra). 3.ª ed. il. — 44 pag. 2,000.

*Cap. José Brandão :*

BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA DA GRANDE GUERRA (Notas subsidiárias para uma). Vol. brochado 5,000.

#### **Poesia**

*Mateus Moreno :*

MINHA PATRIA (Poema em 3 livros e 3 jornadas). Ed. il., 96 pag. broch. 3,000.

*Luis Calado Nunes :*

ODES DE ANACREONTE. Vol. broch. 2,050.

*Rebello de Bettencourt :*

CANTIGAS, (com retrato do A.). 64 pag. 2,050.

*Pethion de Villar :*

OS ARGONAUTAS DO AZUL e A Cruz e a Espada. (No prélo).

#### **Estudos e Crónicas**

*Oldemiro Cesar e Cruz Magalhães :*

CAMPANHAS CAMILIANAS. 1 vol. il. 5,000.

*D. Conceição d'Eça de Melo :*

EÇA DE QUEIROZ REVELADO. Vol. il. 2,050.

*José Dias Sancho :*

ESPAÑA MARAVILHOSA (a entrar no prélo).

*Mateus Moreno :*

A NOVA GUERRA E A ARTILHARIA (no prélo).

#### **Romances e Novelas**

*Eunice Franco :*

O LOUCO AMOR, trad. (no prélo).

#### **Arte**

*J. Svedra Machado :*

O DESENHO E A MULHER NO LABOR ARTISTICO DE RAFAEL BORDALO (ed. de luxo, em fasciculos).

Pedidos acompanhados da importancia á

**Calçada de João do Rio, 8 - 1.º — LISBOA**

Os assinantes da « ALMA NOVA » tem 20 % de desconto

# ALMA NOVA

REVISTA DE RESSURGIMENTO NACIONAL

FUNDADOR E GERENTE : MATEUS MORENO

Direcção: Dr. Emílio Salgueiro e Mateus Moreno. Redactores-secretários: Dr. Ascensão Mendonça, Dr. M. Gomes dos Santos e Rebelo de Bettencourt. Propriedade e edição da Empresa Cooperativa Editora «RESSURGIMENTO», Redacção e Administração: C. de João do Rio, 8, 1.º, Lisboa. Tip. Portugalia, Ld. R. da Rosa, 16.

## "MISS" PORTUGAL



A Sr.ª D. Margarida Bastos Ferreira, primeira votada para representar Portugal no Concurso Internacional de Beleza de Galveston

O sceptro de Rainha Mundial da Beleza foi conquistado por «Miss Estados Unidos»

## ALMA NOVA



**A**o iniciarmos a presente série da *Alma Nova*, torna-se mister fixar alguns pontos capitais do seu programa, — aliás os que a mesma revista sempre tem seguido desde a sua fundação, em 1914.

São êles :

- 1.º — *Conhecimento e propaganda de todos os valores pátrios que interessem á obra do ressurgimento nacional.*
- 2.º — *Estudo dos principais problemas do ressurgimento português: económico, literário, artístico, social e político.*
- 3.º — *Propaganda, em todo o país, colónias e no estrangeiro dos nossos valores, belezas e possibilidades, tanto metropolitanas como coloniais.*
- 4.º — *Formação dum forte núcleo de dedicações patrióticas, constituído sobretudo de Novos, completamente isentos de quaisquer facciosismos ou sujeições partidárias.*

\* \* \*

Havíamos anunciado a saída da «Alma Nova» apenas em fascículos trimestrais, pela impossibilidade de manter-lhe uma publicação regular mais frequente, em virtude da crise geral que o país atravessa. Palavras de confiança no nosso esforço honesto e incitamentos materiais até, vindos da colónia portuguesa do Brasil e de vários pontos do país, conseguiram emprestar-nos novas energias para não hesitarmos em garantir a sua saída mensal. Do patriotismo das classes do pensamento, a quem acima de tudo a revista interessa, depende, porém, a eficácia das suas doutrinas e a sua própria manutenção. Nelas confiamos, certos de que reconhecerão, não só a utilidade, mas ainda a oportunidade do nosso esforço patriótico.



# NOVOS E VELHOS

Por FIDELINO DE FIGUEIREDO

**Q**UANDO a terra está cansada, o lavrador faz o que entre nós se chama alqueivar, isto é, inverter as camadas do sólo e deixá-lo algum tempo em pousio. E' isto que a sociedade portuguesa precisa e é isto o que tentam algumas pessoas de bom critério sôbre a política lusitana.

Numa luta entre o sólo esterilizado e o sub-sólo rico e fecundo, mas soterrado na impotência, se poderia simbolizar a política portuguesa contemporânea. As gerações môças, formadas na desilusão da democracia e seus «imortais princípios» bem mortíferos, assistindo ás consequências imoralíssimas do individualismo, que é o suicídio das sociedades, pensam que a vida tem de ser norteada pelo dever, que a família na sua fórmula cristã é o núcleo vital da sociedade, a sua continuidade, a sua fôrça, e que os desmandos possíveis do nacionalismo e do patriotismo se corrigem com a sanção extra-terrena do pensamento de Deus — norte supremo das consciências.

Imersas nas ruínas, que sôbre elas fizeram desabar as precedentes revoadas de oradores e agitadores, que proclamaram rei o instinto, essas gerações novas não se cansam de gritar aos céus o seu alto sonho de reconstrução duma pátria, oito vezes secular e mil vezes gloriosa, que os seus corações crêem imortal, não pela fôrça deductiva dos argumentos, como afirmava Fr. Bernardo de Brito, mas pelo impulso dum sentimento invencível — a vontade de viver.

Este alto pensamento, que tem alguns verbos bem eloquentes e bem fiéis, ainda não achou a pleiade de vontades firmes que o sirvam. A velhice gasta o espírito de seita, o cálculo partidário e o mêdo estão ainda muito infiltrados no reducto dessa idéa pura.

Os velhos do Restelo, a magnífica perfiguração da rasteira e medrosa prudência que Camões opôs aos vôos do heroísmo, os Sanchos Panças envenenam ou impedem ainda os surtos mais belos do quixotismo. Não se quere ver que aos excessos mortíferos há que opôr excessos salutareos, mais fortes para que não haja sequer equilibrio de fôrças, para que se vença definitivamente. Há que vencer a mais desordenada e perigosa indisciplina, com a mais rigorosa disciplina, há que transformar o país numa caserna, a caserna do dever, onde todos marchemos submissos, silenciosos, de olhos postos no altar da pátria, idéas muito claras sôbre o rumo a seguir, consciência limpa e inabalável firmeza moral. Vale mais o character que o saber — principalmente na actuação política. Uma deficiência de preparação técnica facilmente a remedeia um chefe com recorrer a bons colaboradores; uma vacilação, uma transigência, uma cobardia pode ser o princípio do fim, o pórtico que conduz a todos os desastres e misérias.

Os novos de Portugal sabem muito bem o que quere, mas não podem, na limitada esfera de acção que lhes cabe, passar a obras o seu pensamento. No sub-sólo da dictadura portuguesa há uma perfeita uniformidade mental, há uma puríssima isenção, que lançou para o canto das coisas inúteis as bandeiras dos partidos, mas não é essa mentalidade nova que governa...

E' um momento crucial êste na história portuguesa. Ou vence a autoridade, a ordem, a tradição (que não quer dizer de modo nenhum regresso, nem de regímen nem de pro-

cessos), a moralidade administrativa, a justiça, e se põem em relêvo de primeiro plano os verdadeiros valores, ou a vagem demolidora a todos subverterá.

Mas esta hipótese não pode pôr-se sequer. A firmeza e a união do exército estão bem patentes, principalmente porque os novos, se não servem para governar, servem sempre e muito bem para se bater. Na hora do perigo, não há hierarquia de galões ou de idades: a primeira linha e a iniciativa cabem ao novos.

Porém, o empreendimento, em que o exército se envolveu, não é uma tarefa militar, é uma tarefa política; precisa para a executar de homens, com espírito militar na firmeza, na disciplina e no sacrifício, mas com espírito político, largueza de vistas, com uma clara compreensão das realidades. Estes ainda não apareceram ou não lograram vencer o enredado dos sofismas e a confusão do ambiente para chegar ao seu posto. Precisamos de homens de grande caracter executivo, que pela acção, não pela palavra, galvanizem o espírito público, satisfaçam a fome desesperada de pão e de justiça, que alanceia o povo. Paralelamente, precisamos uma obra de política para desmontar a organização das clientelas partidárias, não pela guerra acintosa, mas por lhes retirar função, com a organização da nação sôbre bases anti-parlamentares, e uma obra de fomento, que alague e conforte de bem-estar o povo sofredor. A miséria é má conselheira: é ela que cria o Estado-providência, o Estado-asilo, e pare entrar no asilo, expulsando os que lá estão, é que se fazem as revoluções.

Uma luta fraticida pelos selos do Estado, pela colaboração no *Diário do Governo* — eis o que é a política de há muitos anos em Portugal. Povos sem fome são povos ordeiros. E é isso, é pão e justiça, que os novos de Portugal querem distribuir numa grande dissipação, préviamente resolvido o problema da ordem sôbre as bases inabaláveis da firmeza moral e duma mentalidade declaradamente contra-revolucionária.

FIDELINO DE FIGUEIREDO



## A ORGANIZAÇÃO DOS NOVOS



Um aspecto do almoço de confraternização dos antigos delegados á Federação Académica de Lisboa que em 9 do mês findo se realizou na Ferrari

# P E L A S C O L Ó N I A S

♦♦♦♦

## Visconde de Almeida Garrett

A formação, tão necessária, dum «espírito colonial» português, tem no culto professor e devotado colonialista a quem dedicamos hoje esta secção da «Alma Nova», um dos mais esforçados e carinhosos propugnadores. A sua recente conferência na Sociedade de Geografia — «Como se faz uma nação colonial» —, justifica bem semelhante assêrto.

Saudando, por isso, S. Ex.<sup>a</sup>, a «Alma Nova», cuja finalidade é também cooperar no engrandecimento dos nossos domínios coloniais e no bom nome da nação sob o ponto de vista colonizador, não pode deixar de considerar-se a seu lado para o desenvolvimento, em todo o país, de tão urgente campanha.

♦♦



O sr. Visconde de Almeida Garrett, distinto professor da Escola Colonial



O sr. tenente-coronel Ferreira da Silva, ilustre chefe de gabinete de S. Ex.<sup>a</sup> o Ministro da Guerra

# P E L O E X É R C I T O

♦♦♦♦

O Exército é hoje uma força moral e material, que a obra do ressurgimento do país não pode dispensar.

E' nele que residem todas as esperanças de quantos deram alma e possibilidades de triunfo ao movimento de 28 de maio. E' necessário, porém, que o Exército se saiba manter à altura das responsabilidades que assumiu.

Dentre os seus valores mais prestigiosos, é-nos grato poder hoje citar o sr. tenente-coronel José Jorge Ferreira da Silva, militar culto e disciplinador, espírito consciente e recto, figura de acção e de nobreza de alma.

O sr. tenente-coronel Ferreira da Silva, que é o chefe de gabinete do ilustre Ministro da Guerra, sr. tenente-coronel Passos e Sousa, quiz ter a gentileza de dar a sua valiosíssima colaboração ao novo livro do nosso director-gerente, sr. Mateus Moreno, livro que brevemente sairá sob o titulo «A Nova Guerra e a Artilharia».

# UM GRANDE POETA DO BRASIL

Pethion de Villar, pseudónimo do dr. Egas Moniz Barreto de Aragão, que foi um notável médico e professor brasileiro, mais amigo de Portugal que muitos portugueses, é hoje considerado o príncipe dos Poetas baianos. Da justiça de tal assérto brevemente o leitor poderá ter a confirmação, pela leitura das suas *Poesias Escolhidas*, que estão sendo impressas entre nós, sob a direcção da Empresa Ressurgimento.

Damos a seguir um curioso autógrafo do eminente Poeta :

*O Mar está com fome!*

*As. meu velho mestre e amigo  
Sr. Odrício Octávio O. Alon.*

*O Mar amanheceu de mau humor,  
Estranhas ameaças rebuzando;  
Pobando as praias, cheio de rancor,  
Como de hijenas um rancoso bando.*

*As sobranceiras franjas de negro...  
Nuvens lhe vão - d'ora escameando;  
Aléssis alta noite um colossal tambor  
Anda no treva barbaresco rufando.*

*Sabê não pôde o sol... a tempestade  
Lida - prendeu num cárcere de brumas...  
Pisada noite ceus e terra invreda!*

*Sóti das ondas uma voz sem nome,  
Abre-se a quella branca das espumas...  
Homens, fugi! O Mar está com fome!*

*Pethion de Villar*

*- Rio Vermelho -  
26 de Outubro de 1903.*





«Miss» Portugal, á sua partida para Galveston

—  
F I G U R A S  
E  
F A C T O S



DR. JOÃO DA SILVA CORREIA

Distinto professor e filólogo erudito, autor do curiosíssimo trabalho «A linguagem da mulher em relação á do homem», recentemente publicado, é um dos nossos mais dedicados colaboradores e amigos. O dr. Silva Correia acaba de ser nomeado membro da «Sociedade Linguistica de Paris».



CRUZ AZEVEDO

Director da revista «O Nosso Algarve» e esforçado propugnador da iniciativa de um monumento ao autor do «Campo de Flores», em S. Bartolomeu de Messines.

A cerimonia do lançamento da primeira pedra desse monumento, que devia efectivar-se em 11 do mês findo, foi adiada para quando o sr. Ministro da Instrução possa ir ao Algarve.



DR. JOSÉ GUERREIRO MURTA

Estimado Reitor do liceu de Bocage e apreciado pedagogista, cujo novo livro «Como se aprende a estudar», da útil colecção «Estudar é saber», tem obtido um excelente êxito de livraria.

Ao dr. Guerreiro Murta, velho amigo e colaborador da «Alma Nova», apresenta esta revista as suas auaudações.

VER NO PRÓXIMO N.º  
OS NOSSOS  
ANÚNCIOS ARTÍSTICOS

SE É PÁTRIOTA  
LEIA A  
“ALMA NOVA”

# NO MUNDO DA ARTE

...

**LIVROS:** As Artes e as letras portuguesas, como a própria vida das classes, atravessam, presentemente, um dos períodos mais agudos da sua crise. E' por isso necessário uma perseverança e uma fé muito especiais de todos, para conseguirmos vencer.

Em consequência dessa crise, a produção literaria e artistica é fraca, e teatro também quasi não existe.

Dentre os livros ultimamente recebidos, sobresaem pelo seu real valor didático e feição nacionalista, os dos professores dr. José Guerreiro Murta e dr. Silva Correia, e o do sr. João Rosa, aos quais noutros lugares aludimos. Também nos merecem especial referência, pela sua feição artistico-literaria, os volumes de D. Aurora Jardim, *Farrapos da Vida Viva*, que já vai na 2.<sup>a</sup> edição; *13 Contarelos*, que Irene escreveu para a gente moça e Ilda ilustrou; *Os Sete Demónios*, que são outros tantos contos, deliciosa e emotivamente trabalhados pelo culto espirito de *élite* duma das nossas melhores escritoras, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Magdalena Martel Patrício, e *O Dilador*, de António de Cértima, oportuno livro de clara visão mental e política, escrito por um «novo» de coragem e de segura reflexão sobre os principais problemas das ideias do seu tempo.

\*

Do livro do sr. João Rosa, *Iconografia Artistica Eborense*, escreveu no Prefácio o sr. dr. Manuel de Sousa Pinto, estas leais e justas palavras:

«Com meritório desinteresse, talvez com sacrificio, o compilador desta obra fez pela sua E'vora querida o que ninguem, cá, ensaiara para outra cidade ou região: algumas bem merecedoras de que tão notável exemplo suscite emulação.

Não se trata de mais um guia ou roteiro da capital e do distrito eborenses. Não é um livro-cicerone, para trazer debaixo do braço; sim, um livro-museu — apreciável livro de estante — destinado a arquivar, com leve comentário, a colheita seriada e, quanto possível, exaustiva de todas as obras de arte, ilustrações, ou simples apontamentos em que os artistas e os documen-

tadores, antigos ou modernos, têm fixado, interpretado, salientado belezas, aspectos, tipos, panoramas, monumentos, pormenores, raridades, da atraente cidade de Diana e de Geraldo, do Manuelinho e das Armas do Cardeal.

¿Compensará o publico desorientado de hoje em dia tam grande esforço editorial de um honesto trabalhador? O arrôjo é, pelo menos, digno do amparo das várias edilidades favorecidas com esta propaganda de bom gosto».



JOÃO ROSA,

distinto funcionario da Imprensa Nacional, e um alentejano culto e dedicadissimo pela sua provincia. A sua «Iconografia Artistica Eborense», recentemente publicada, constituiu um verdadeiro êxito, tanto gráfico como literario.

## EXPOSIÇÕES:

A 24.<sup>a</sup> Exposição da S. N. de Belas Artes, recentemente encerrada, apresentou-nos: Pintura a óleo, 151 trabalhos; Aguarela, 75; desenho, pastel e gravura, 46; e Escultura, 15.

De ano para ano o Salão da rua Barata Salgueiro parece, porém, decair. Há um certo desamor pelas coisas de arte que desmoraliza os artistas. A exposição do corrente ano resente-se dêle.

O juri para a classificação dos quadros, conferiu: Pintura a oleo: 1.<sup>a</sup> medalha, Fernando dos Santos; 2.<sup>a</sup>, Acacio Lino (do Porto); 3.<sup>a</sup>, D. Maria de Lourdes de Melo e Castro, D. Alda Machado dos Santos, Eduardo Gil Romero e José Augusto de Sousa; menção honrosa, Julio Torres.

Aguarela: 2.<sup>a</sup> medalha, Tertuliano de Lacerda Marques e Emilio de Paula Campos.

Desenho: 2.<sup>a</sup> medalha, Luís Varela Aldemira, Pedro Guedes e Pedro Jorge Pinto; 3.<sup>a</sup> medalha, João Saavedra Machado; menção honrosa, D. Dulce Caupper de Sousa.

Escultura: 3.<sup>a</sup> medalha, D. Aninhas de Gonta Colaço, João José Gomes, Raul Xavier e Sousa Caldas (do Porto).

— Falcão Trigoso, o glorioso pintor das marinhas e paisagens algarvias, obteve com a sua ultima exposição no Porto, um esplêndido triunfo.

— Também realizou com muito êxito a sua exposição em Lisboa, na Associação dos Arqueólogos, o mestre aguarelista sr. Alberto de Sousa.

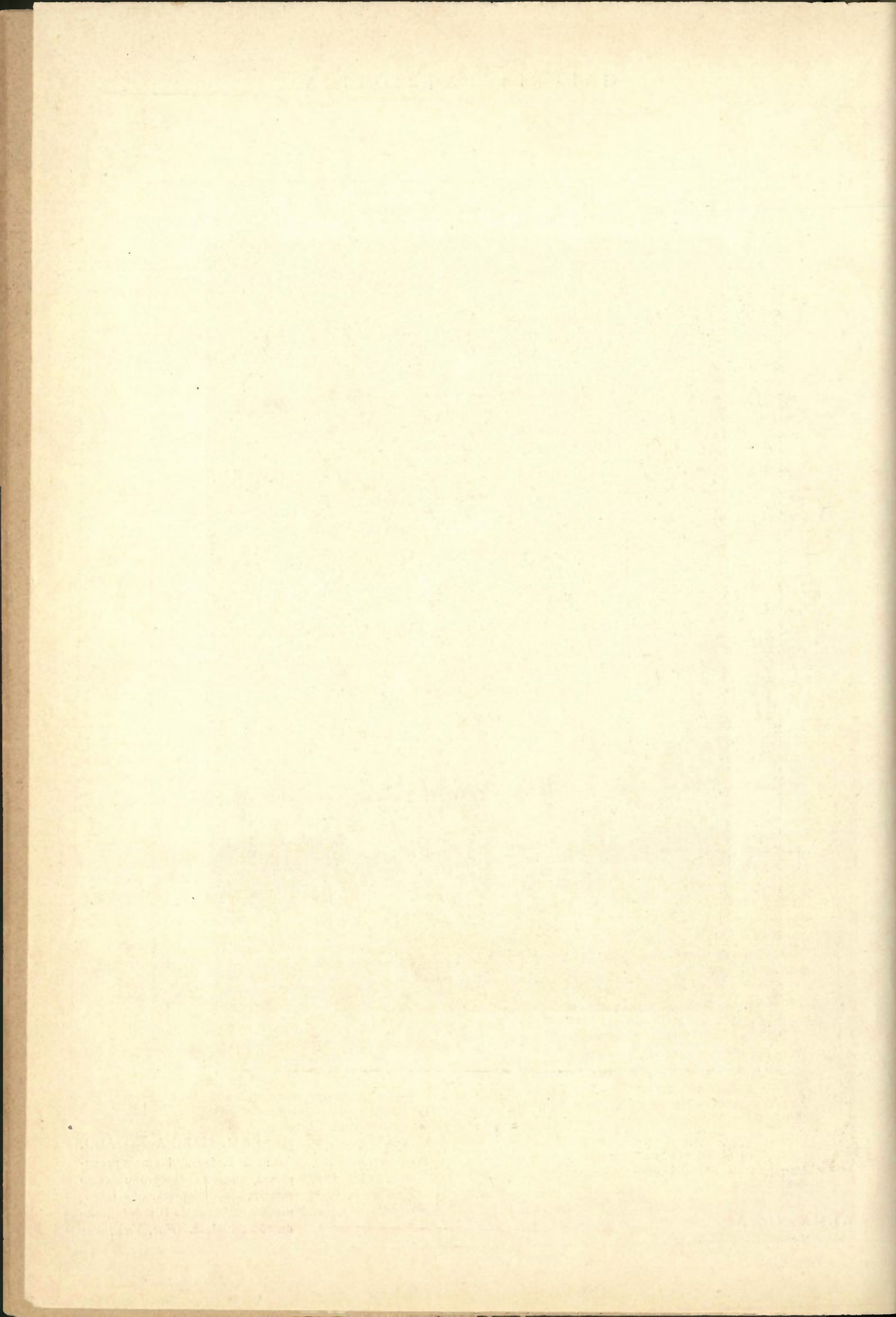
— No Salão do Teatro Nacional, está igualmente colhendo, com as suas discipulas, os melhores aplausos dos apreciadores de arte e da crítica, a talentosa pintora D. Eduarda Lapa. — M. M.

GALERIA PATRIÓTICA



GENERAL GARCIA ROSADO.  
figura do Exército das mais presti-  
giosas, patriota sincero e culto  
espírito de diplomata, que repre-  
senta o govêrno da Ditadura junto  
da côrte inglesa. (Fot. Vasques)





# DR. FIDELINO DE FIGUEIREDO

## O Escritor e o Patriota

### Um almoço em sua ■ Homenagem ■

**F**IDELINO DE FIGUEIREDO é um dos reais valores do Portugal de hoje, a quem a obra do ressurgimento nacional já muito deve e muito mais tem a exigir ainda.

Como escritor e homem público, apesar de bastante novo, de há muito o seu nome atravessou a fronteira; e à sua obra de historiador literário, crítico e romancista, hemos de juntar a sua obra inegável de patriota. Porque um alto fito patriótico tem norteado sempre, tanto os seus actos políticos como todo o seu labor mental.

\* \* \*

Nomeado recentemente Director da Biblioteca Nacional pelo governo da Ditadura, lugar em que já provára competência em 1918, uma determinação talvez mal interpretada pelo pessoal das oficinas gráficas, daquele estabelecimento, origi-

nou o lamentável atentado de que toda a imprensa se fez eco. Dentro do seu gabinete, no exercício das suas funções, o Director da Biblioteca Nacional fez o que não pôdia deixar de fazer, sem grave risco do seu prestígio pessoal e da própria disciplina que todo o chefe tem a obrigação de manter.

Não consideramos a sociedade portuguesa tão próxima do seu fim, que possa admitir sem repulsa as faltas de respeito hierárquico.

Agredido, mal-ferido, vítima certamente duma exaltação momentânea, Fidelino de Figueiredo, ponde, todavia, voltar ainda ao convívio dos seus amigos e admiradores; e, sem qualquer sentido de desagravo odioso, que em espíritos cultos nunca deve existir, nem mesmo qualquer intenção política reservada ou propósito coercivo sobre o governo, resolveram esses amigos reunir-se em um banquete de homenagem, onde expressassem, não só a sua simpatia pelo escri-



Um aspecto da assistência ao almoço de homenagem ao dr. Fidelino de Figueiredo

tor, mas se congratulassem ao mesmo tempo, por ter saído, se não ileso, pelo menos livre de tão desagradável incidente.

Em hora acertada se lançou a ideia. Esse banquete, que estava para realizar-se no restaurante da «Garrett», pelo avultado número de inscrições teve que a breve trecho ser transferido para os amplos salões do «Monumental-Club». A êle se associou a *élite* do pensamento português, tendo sido convidado a presidi-lo o sr. Ministro da Instrução, Dr. Alfredo de Magalhães, grande admirador e amigo pessoal do homenageado.

### O ALMOÇO

A's 13 horas, os vastos salões do Monumental-Club oferecem um festivo aspecto. Todos os inscrites vão chegando; outros pedem licença para se inscreverem ainda. No «fumoír», os *groms* entram continuamente com bandejas coguladas de telegramas e cartas. Os drs. Guerreiro Murta e Martinho Nobre de Melo, da Commissão Promotora, fazem no salão do banquete as honras da casa. Pelas quatro mesas, dispostos em simbólico tridente, 200 lugares esperam outros tantos convivas. No tópo, a mesa de honra. A's 13 e meia o sr. ministro da instrução toma a presidência do banquete, sentando-se à sua direita o homenageado, dr. Fidelino de Figueiredo, e os srs. Comandante Filomeno da Camara, Conselheiro Fernando de Souza e D. Tomaz de Vilhena, e à esquerda os srs. drs. Martinho Nobre de Melo, Cunha Gonçalves, Souza Costa e Antonio Baião. Pelas três restantes mesas os outros convivas. Junto de cada talher, num cartão sóbrio mas elegante, lia-se o seguinte:

«Almôço de Homenagem ao Dr. Fidelino de Figueiredo» — Mênú: *Hors d'oeuvres variés, Filetes de sole Orby, Chaudfroid de volaille à la Bellevue, Tourneidos à la Rostand, Corbeille Reine Margueritte, Fruits, Vins, Liqueurs, Champagne.*

### OS BRINDES

Inicia os brindes, ao *champagne*, o sr. dr. Martinho Nobre de Melo, como presidente da Commissão Promotora da homenagem, que num brilhante discurso afirmou ser aquele banquete o começo do pagamento duma *divida de honra* que temos contraída para com um eminente homem de letras e um meretíssimo cidadão (*apoiados da assistencia*). Não olhem V. Ex.<sup>as</sup> á oportunidade, continuou depois de serenada a explosão de apoiados, ao momento escolhido. Decerto, a homenagem representa, por igual, um desagravo; mas ninguem da Commissão, ninguem aqui presente podia ter pretendido saudar e homenagear Fidelino de Figueiredo com uma manifestação *ad odium*, nem ele a aceitaria nesses termos.

— Olho em derredor e quem vejo acorrer a festejar Fidelino? Personalidades das mais eminentes, arrancadas ao escol da literatura, das Sciencias, das artes e das profissões do meu país. E' que era bem preciso, era urgente, dizermos a Fidelino de Figueiredo a nossa admiração pela sua obra formidável, e formidável tanto pelo seu valor intrinseco e vário, como até pela sua extensão.

«Historiador, filosofo, critico, mestre de literatura e de pedagogia, precisamos de erguer Fidelino ao posto de primeiro plano a que ele tem direito. Eis o alto e grande significado da manifestação de hoje.»

Passa um olhar rápido pelo catálogo editorial das obras de Fidelino de Figueiredo, cujos titulos enumera, e num vibrante repto continua:

— Esses que aí vemos cada dia na tuba da fama, de quem ouvimos a cega-rega do nome a todo o momento, podem parecer super-homens, tanto os incensam a opinião e a imprensa, tanto os exaltam os seus partidarios. Associações de socorros-mutuos, elogio-se o chefe, ergue-se o chefe, para o interesse comum da clientela!

Mas não são eles, não, que estão escavando os caboucos e argamassando os alicerces da Cidade Nova. Ei-los que descem cada vez mais fundo, para ir buscar e avocar a si os poderes da treva e da revolução. Cada vez descem mais baixo, cada vez terão de ir mais fundo, porque é mister que seja cada vez mais cerrada e densa a escuridão em que manejam para minar e dominar este pobre país!

Serenadas as palmas, que traduzem o sincero aplauso de todos os assistentes, prosegue:

— Mas há outros homens que eu vejo ir subindo sempre para mais alto, sempre para o alto da montanha, olhos fitos na luz de um ideal! E' deles que fala Maeterlinck. E' a eles que Maeterlinck chama os homens do silencio, os que no silencio estão preparando o bem comum, o futuro da Patria. São eles que, discretos e silenciosos, trabalham sem arruido para a maior prosperidade da colectividade; que fabricam a sciencia, que protegem o comercio e a industria, que exornam a cidade com as flores da virtude, da sciencia e das acções. Estes é que são os *verdadeiros reis*, para falar como Carlyle, os reis que, para o serem, não precisam de ser eleitos— porque foi a própria natureza que os elegeu. São os reis da criação, são os verdadeiros missionarios de Deus, da Verdade e da Bondade.

— Fidelino de Figueiredo é um destes grandes homens do silencio, é um destes verdadeiros reis da criação! Não precisa, para o ser, da *consagração imposta* das urnas, do sufragio democratico, da mentira da opinião publica organizada.

E caloroso:

— No absoluto desregramento dos costumes morais e politicos, no abastardamento geral dos caracteres e das consciencias, na rampa extrema dos egoismos e das baixezas, é num dos exemplos de labor quotidiano e firme, de escola, de ensino e preparação das almas que havemos de reconstruir Portugal. Fidelino de Figueiredo é esse vivo exemplo.

E termina:

— Erguendo por ele as nossas taças e erguendo os nossos corações, saudemos em Fidelino de Figueiredo o *Portugal de Amanhã!*

O brinde do illustre professor da Faculdade de Direito de Lisboa é sublinhado por uma prolongada salva de palmas e muito ovacionado o nome de Fidelino de Figueiredo.

### FALA O SR. MINISTRO DA INSTRUÇÃO

Meus senhores: Sinto-me bem no seio desta assembleia a todos os titulos illustre. Sinto-me satisfeito por presidir a um banquete de homenagem a um amigo, que muito admiro, e que é, pelo seu talento e pelas suas qualidades de character, um dos bons valores da nossa terra. Nesta assembleia, como num mosaico social, eu vejo representadas todas as correntes.

«Fidelino de Figueiredo, cujo exemplo de mocidade e de talento deveria ser seguido, foi já meu colaborador, quando, um dia, fui chamado a gerir a pasta da Instrução Publica.

«Foi no tempo de Sidónio Pais. Eu não conhecia pessoalmente a Fidelino. Um amigo comum indicou-me para meu chefe de gabinete. Trabalhámos juntos. E, neste momento quero acentuar aqui que é comovido que lembro o nome de Sidónio Pais.

E com visível emoção:

— Até ao ultimo alento da minha vida, o meu coração estará de luto profundo por Sidónio Pais! (*Por toda a sala ecôa uma estrondosa salva de palmas*).

— Relanceando os olhos pela sociedade portuguesa, através do seu passado, continua, eu sinto haver-se quebrado uma mola que não sei qual fosse... E' preciso deitar por terra falsas ideias, errados preconceitos, ignaras doutrinas, e todos unidos, unidos todos os portugueses pela Fé, é preciso erguer de novo o edificio da educação nacional. (*Vibrantes apoiados da assistencia*).

— Impõe-se ressurgir Portugal por uma obra de educação nacional. A sciencia só não basta. A sciencia é um perigo quando não acompanhada da consciencia. O

que falta em Portugal é uma consciencia nacional — base da educação. E' esta a obra a fazer e, para a levar a efeito, Portugal necessita da participação de todos os seus valores.

E concluindo :

— Criemos em nós coragem para dominar as nossas paixões; coragem para defendermos Portugal dos maus exemplos; coragem para nos defendermos da indolencia colectiva; coragem para vencermos e para fazermos triunfar esta Patria de oito seculos; coragem para aspirar á perfeição !

#### OUTROS BRINDES

Não tendo o sr. dr. Julio Dantas podido comparecer ao banquete, por motivo de doença, é lida pelo sr. dr. Antonio Baião uma carta daquele ilustre escritor, em que se associa á homenagem e exalta o valor do homenageado, saudando-o também, pessoalmente, o sr. dr. Antonio Baião.

— O ilustre director do Colégio Vasco da Gama, rev. Padre Pinto de Abreu, sauda Fidelino de Figueiredo, como organizador das conferencias do seu instituto e elogia a sua obra literaria e pedagogica.

— Oscar Ruas, tenente do Exercito e juventude impetuosa, fala em nome do «Portugal», órgão do governo, defendendo a necessidade duma acção politica extrapartidaria, disciplinada e sã.

— Afonso Gaio, escritor e dramaturgo, fala como presidente da Comissão Executiva de homenagem a Fialho de Almeida :

«O sr. dr. Fidelino de Figueiredo, diz, possui todas as qualidades de eleição para que os seus amigos e admiradores lhe prestem, no dia de hoje, uma expressiva homenagem. Como todas as individualidades marcantes na arte, na sciencia e na literatura, conquistou quasi o direito de ser estimado e aplaudido, não só pela sua indomavel força de trabalho e disciplina de espirito, mas, também, pelo que é lícito esperar ainda das suas faculdades de talento.

Num país onde é norma maldizer e caluniar quem tem garras, necessario se torna contrapor a essa onda de descrença, a força do antagonismo daqueles que, através de tudo, lutam, caminham e trabalham, confiados em que, se rattravessam dias funestos e amargos, é preciso desbravar o caminho para as gerações que nos sucederem.

Por muito que em vida se faça aos homens de talento, de character e de energia, — aos artistas, em suma, — tudo isso é pouco em relação aos desgostos e amarguras da existencia que eles sofrem, consagrando-se ao trabalho, ao estudo.»

— O sr. Conselheiro Fernando de Sousa fala em nome da imprensa, por ser o mais velho dos jornalistas presentes, e para homenagear alguém que na imprensa ocupa um lugar de destaque.

«Embora a acção do homenageado na Imprensa, diz, tenha sido limitada ás revistas scientificas, todos os jornalistas se honram com a sua bela camaradagem.

«Só os homens de fé em Deus — afirma, numa bela evocação das tradições portuguezas — e de fé nos destinos da Patria, como o dr. Fidelino de Figueiredo, poderão realizar a obra de ressurgimento nacional que é mister effectivar em Portugal. (*Muitas e calorosas palmas*).

— Não vim assistir a este banquete só por ser amigo

pessoal do dr. Fidelino de Figueiredo, diz agora o sr. Conselheiro D. Tomaz de Vilhena, e a sua idade e a sua emoção infundem ás suas nobres palavras um timbre duplamente respeitoso.

«Vim aqui — afirma — porque sou um homem de Ordem, e embora reformado das lutas politicas, sei estar sempre ao lado da Ordem.

A obra de todos os que, como Fidelino de Figueiredo, trabalham pelo levantamento da patria portuguesa, tem o meu apoio incondicional.

— O sr. Furtado, comerciante, estando á mesa um dos filhos do homenageado e vendo entrar na sala a esposa do mesmo, acompanhada de outras senhoras de familia, ergueu-lhes o um brinde, que foi votivamente secundado.

#### A MENSAGEM DOS FUNCIONARIOS DA BIBLIOTECA NACIONAL

Em seu nome pessoal e no dos funcionarios da Biblioteca Nacional que se encontravam presentes, o sr. dr.

Bettencourt Ataíde leu uma mensagem em que protestam ao homenageado o seu maior apreço :

«A par do seu alto relevo como escritor, de brilhante talento, que seria futil engrandecer aqui, por ser já consagrado no país e no estrangeiro, é-nos muito grato consignar neste momento também os seus inconfundiveis predicados de organizador e de chefe, que tivemos occasião de apreciar, — chefe privilegiado, que sabe inspirar aos seus subordinados, a par da mais respeitosa admiração, a mais sincera amizade, pela lhaneza do seu primoroso trato.

«Já por duas vezes tivemos a honra de ter v. ex.<sup>a</sup> por director da Biblioteca Nacional e sempre foram tão notaveis e oportunas as suas medidas que estamos convictos de que muito tem a lucrar esse estabelecimento com a direcção de v. ex.<sup>a</sup>. O seu espirito, habituado aos metodos rigorosos da critica historica, á ponderação das realidades, sabe encarar as idéas e os factos com a maxima lucidez, e resolver, de

pronto e justamente todos os problemas, imprimindo assim ao seu mando um cunho altamente pratico, e de largo alcance; e foi sempre esta a feição da gerencia de v. ex.<sup>a</sup> na Biblioteca Nacional, não só na sua primeira direcção, como na actual, onde, em poucos dias, fez já sentir a sua notavel actividade. Se v. ex.<sup>a</sup> não tivesse saído da Biblioteca Nacional, em 1919, estaria actualmente esta instituição dotada de uma organização modelar. O seu espirito de elite tinha traçado, em linhas sobrias e claras, um amplo plano, perfeitamente moderno, que convertia todo o organismo bibliotecario num utilissimo instrumento de cultura nacional.»

#### FALA O DR. FIDELINO DE FIGUEIREDO

Concluida a serie de brindes, ergue-se para agradecer o dr. Fidelino de Figueiredo, que é acolhido por uma ruidosa salva de palmas.

As suas palavras são tocados duma emoção profunda. A principio meramente pessoais, de escusa, de negação do seu valor, são depois como autenticas marteladas de fé patriotica no aço limpo das nossas almas :

«Portugal tem de ressurgir — esclama ! E' nosso dever fazê-lo ressurgir ! A' crise de indisciplina que o



O sr. Ministro da Instrução, dr. Alfredo de Magalhães, que presidiu ao banquete de homenagem ao dr. Fidelino de Figueiredo



ALGUNS ASSISTENTES AO ALMOÇO — Em cima : Dr. Antonio Baião, Dr. Queiroz Veloso, Dr. Bettencourt Ataíde e o «atleta» Jorginho (filho mais velho do homenageado). Em baixo : Correia Marques, Conselheiro Ferna do de Sousa, e Dr. Ernesto Leite de Vasconcelos

(«Croquis» de Armando Boaventura)

tem avassalado, é preciso, para isso, opôr-se a crise de disciplina! (Muitos e vibrantes apoiados).

«Abatamos as bandeiras de regimes, as bandeiras dos partidos, e, unidos e fortes, o ideal da Pátria a iluminar os nossos espíritos, façamos a marcha, silenciosos, para o futuro, porque somos poucos ainda para a grande obra que de nós, portugueses, a Pátria espera!

E numa invocação da historia patria :

— «A nossa Historia está cheia do pensamento de Deus. Foi Deus que guiou Portugal atravez dos oito seculos da sua historia. Sem Deus, a marcha para o futuro é invio e confuso caminho. Sem Deus, o futuro não existe. Enchamos de Deus os nossos corações, e cheios de Deus façamos o ressurgimento de Portugal!

E concluindo :

— O exercito pode dispôr de mim, até á hora da minha morte, para a seu lado me bater pela Pátria. Viva Portugal!

(A Assembleia, de pé, victoria entusiasticamente Portugal e ovaciona o homenageado).

\* \* \*

A Comissão Promotora da homenagem foi assim constituida :

Dr. Antonio Baião, director da Torre do Tombo ; Dr. Martinho Nobre de Meio, antigo ministro e lente da Faculdade de Direito de Lisboa ; Dr. Sousa Costa, secretario do Tribunal do Comercio e escritor ; Dr. Luis Gonzaga da Silva Pinto Abreu, director do Colegio Vasco da Gama ; Dr. Mario de Aguiar, antigo deputado e advogado ; Ernesto d'Araujo Freire d'Andrade, proprietário ; Dr. Simões Baião, proprietário ; Coronel Vilas, professor da Escola Colonial ; D. Alberto Bramão, es-

critor ; Dr. Manuel G. de Carvalho, tenente-coronel medico ; Correia Marques, jornalista de «A Voz» ; Dr. José Guerreiro Murta, reitor do Liceu de Braga ; Tenente Maieus Moreno, director da «Alma Nova».

EXTRACTOS DE ALGUMAS CARTAS E TELEGRAMAS RECEBIDOS :

Do sr. conselheiro Julio de Vilhena : — «Sinto que o meu estado de saude não permita que eu me associe pessoalmente á homenagem de consideração que os seus amigos lhe prestam hoje. Não desejo, porém, que passe esta ocasião sem que eu lhe afirme, mais uma vez, a estima que lhe dedico e quanto o admiro pelas suas qualidades de trabalho, de inteligencia e de amor ao nosso país.»

Do sr. Henrique Lopes de Mendonça : — «Congratulo-me pelas possibilidades que lhe dá o seu cargo para prestar aos estudiosos e á sciencia portuguesa em geral os relevantes serviços que há direito a esperar das suas brilhantes faculdades.»

Do professor sr. dr. Manuel d'Oliveira Ramos, concordando com o sentimento que inspirou a homenagem ao dr. F. de F., cujos meritos reconhece desde que o teve por discipulo e a cujas faculdades de trabalho tributa a estima quo lhe merece:

«Faço votos para que ele ponha estas faculdades ao serviço do seu país, fóra de toda a preocupação politica, condição que reputo indispensavel para se fazer hoje obra eficaz.»

Do escritor Antonio de Cêrtilima : — «Saudo em v. ex.º mais nobre e claro exemplo moderna mentalidade portuguesa.»

Do sr. dr. Ernesto Gonçalves : — «Saudo o escritor ilustre e o corajoso combatente do Portugal Novo.»

## E S T U D O S



NOTA FILOLOGICA



## Períodos da frase infantil

A linguagem organizado infantil — ou seja a frase, que é a verdadeira unidade psicológica e linguística —, não aparece a criança catastroficamente a produzi-la em todos os seus elementos, mas através de estádios, após largos múltiplos tentames para a evolução à expressão correcta e corrente.

Podem estabelecer-se nesta marcha ascensional da glótica infantil três períodos característicos:

1) *Período da palavra-frase*: começa pelo décimo quinto mês e prolonga-se até ao vigésimo quarto, por vezes: a criança sai da fase de apropriação de imagens auditivas verbais e passa à fase activa de expressão: faz de dia para dia progressos consideráveis e com facilidade aprende a utilizar numerosas palavras, — quasi sempre substantivos — que inicialmente e por vezes reduzidos à sílaba tónica constituem ou conglobam a frase total, chegando-lhe para exprimir uma acção que deseja realizar por si ou que quer que outros executem em seu beneficio: — *pó: eu quero ir à porta; sepi: eu quero sopinha.*

2) *Período da frase verbo-nominal*: começa pelo vigésimo quinto mês, ou mesmo mais cedo, e caracteriza-se pelo aparecimento do verbo — a principio empregado no modo activo do imperativo — acompanhado normalmente do substantivo complemento directo, ou sujeito: *dá fafé — dá café; meni qué papi — o menino quiere papinha.* O interesse infantil continua no entanto a exercer-se essencialmente sobre o nome, que domina por largo tempo, sendo considerável a sua preponderância sobre os outros vocábulos. Antes do trigésimo mês — e por vezes bastante antes — aparece o *eu*, e com este pronome o artigo. O aparecimento do pronome pessoal nesta altura não

significa que com ele coincide o nascimento do sentimento da própria individualidade: a criança tem ha muito tal sentimento, não sabendo, porém, exprimi-lo adequadamente, porque reproduz a maneira pela qual os que a cercam se ocupam dela.

3) *Período das frases de incidentes circunstanciais*: começa depois dos dois anos e constitui a última fase de aquisição da linguagem organizada. A criança atinge um desenvolvimento lógico que lhe permite abarcar a relação existente entre os vários elementos da frase: os laços intellectuais que a criança parece estabelecer mais cedo são os que a linguagem realiza por meio das proposições *de e para* — as proposições do interesse: *é do menino, é para o menino.* Pela altura dos três anos surge o *com*, o pronome, relativo — *que*, as conjunções que exprimem circunstância de fim, causa, tempo — *para que, porque, quando.*

E' entre os dois e os três anos que o interesse glósico atinge na criança o ponto culminante — mantendo-se depois disso ainda por muito tempo uma paixão central. E' durante este último período de evolução da linguagem organizada que a criança concentra quasi unicamente os seus esforços na aquisição do processo articulatório. A palavra torna-se para ela um facto tão interessante como era antes o objecto. A criança pergunta o nome de tudo o que a cerca e que vai apontando a dedo — e armazena os vocábulos designativos, fazendo ensaios de pronuncia, mórmente quando está só: e satisfaz-se com tais vocábulos, como se eles tudo explicassem, pois só ulteriormente lhe chegará a ansia intellectual de penetrar os porquês misteriosos das coisas.

JOÃO DA SILVA CORREIA



No próximo n.º: «A PSICOLOGIA VISTA ATRAVÉS DA FILOLOGIA»  
 ::::::::::: Pelo Dr. Rodrigo de Sá Noqueira :::::::::::

C  
R  
Ó  
N  
I  
C  
AM  
O  
D  
A  
S

**A**divinha-se o verão, o nosso ardente verão meridional, em que as cidades buscam a Paisagem— os campos, a serra, o mar.

*Eu, que amo as grandes cidades cosmopolitas, trago em mim a nostalgia da Paisagem.*

*A Paisagem é a sinfonia admirável para os meus olhos e para a minha alma, que me traz presa do seu encanto.*

*Eu adoro a Paisagem esplendida de luz e côr, quando o sol cai em jorros d'ouro sôbre as cousas, numa carícia de fogo, estonteante, tudo se ilumina, tudo vive. Quando as flores e os frutos pollicromados são um mostruário de ourivesaria: as papoilas, os cravos, as romãs entreabertas, são rubis: os goivos, as violetas, as glicínias, ametistas; os lírios, as açucenas, as rosas desmaiadas, são opalas, e cáchos de opalas os cáchos de uvas brancas. E ha ouro, muito ouro, ouro vivo e fulgente—os girasões e os líndes, os crisântemos e as laranjas.*

*Amo também as amplias praias loiras com um mar que parece um esmalte azul, onde a brisa é iodada, e a vida corre indolente e feliz.*

*Mesmo na serra, que é um mar de montanhas, sente-se agir sôbre nós um sortilégio de encanto. A Paisagem é outra. Os sobreiros desnudados das suas vestes de cortiça, que mãos profanas lhes arrancaram, mostram impetuosamente os troncos vermelhos. Olhos-os com piedade. São colossos vencidos, erguendo ao céu os braços ensanguentados e aflitos.*

*E amo a Arte, a Arte verdadeira, bela, imorredora—o resplendor magnífico da vida. Ela faz-nos entender a beleza íntima das cousas. E' o sol: sem ela entreveríamos uma verdade indecisa.*

*A Arte, a Paisagem—e a sinceridade emotiva do Amor—é a divina trindade que nos torna belo, quási suportável, a tormenta da vida?*

Pági-  
na  
Femi-  
ninapor  
Ma-  
dame  
X...

**S**e em plena primavera a moda nos não deu nova linha nas «toilettes», não tem, no entanto, deixado de nos dar variantes que muito favorecem a linha esguia.

As saias continuam com roda, embora disfarçada em pregas, machos, folhos, etc. A saia plissada continua a ter para nós o mesmo encanto de sempre.

As «chemisettes» estão também muito na moda, para praia, sport e passeios. Nada de mais fresco e encantador, para praia ou campo do que as «chemisettes» claras, sobre uma saia plissada, e chapéu de palha grande enfeitado de fitas de veludo e flores.

Os vestidos usam-se todos fechados no pescoço, com pequenas golas, tiras de crepe ou fazenda, dando um nó ou laço ao lado. Já não há decotes!

Mas como o tempo quente se aproxima, os infatigáveis costureiros de Paris, arranjaram solução bem agradável. Podem decotar-se os vestidos, mas tapar-se o pescoço, quando não haja calor a ponto de o impedir.

Apresento uma artística maneira de seguir a moda, tapando o pescoço e decotando o vestido.

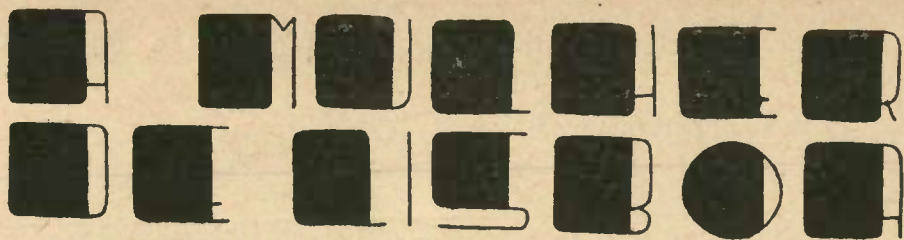
Nos chapéus, as copas exageradamente altas, como este inverno se viam, passaram; embora altos, os chapéus deste verão são mais elegantes.

As fazendas e sedas estampadas, crepe de china «voile» de lã e «mousseline» de lã, devem este verão fazer elegantes «toilettes».

O linon, o organdi, o tule e as imitações de renda antiga são também dum lindo efeito.

Damos hoje um elegante modelo em crepe de china e rendas. A parte da saia que liga á renda é toda plissada, bem como a parte de baixo das mangas, e o corpo em pequeninas pregas formando quadrados. Sem decote, um artístico laço ao lado esquerdo completa a linha interessante e bela do elegante modelo Amy Linker Ballard e Cid.

As côres mais em moda são o preto e branco, o vermelho e o azul vivo. Para o «tout aller» o «gris» é a côr preferida.



## CRONICA DE BOM HUMOR A MEIA DOSE

Por ADOLFO FARIA DE CASTRO

Com ilustrações de Alberto Nobre

**D**A mulher de Lisboa muito há dizer. Dá assunto para um tratado. Os seus vários tipos são dignos de serem postos em crónica e agurdam anciosamente o dia em que justiça lhes seja feita, recebendo a mercê altíssima dum pena que lhes perpetue o que de pitoresco e de personalizador êles encerram.

Entretanto, contentemo-nos todos com estas linhas preluíares.

\* \* \*

Há quem divida á mulher, como qualquer peixe das placidas aguas do Tejo, em cabeça, rabo e posta. De cabeça não rezam as crónicas que certas mulheres a tenham, apenas servindo para levar o chapéu que a moda do dia manda usar; quanto ao testo... á hora elegante das cinco vê-se passar no Chiado cada posta, que nos obrigam a chamar-lhes «uma posta de alto lá com o charuto...» E é, afinal, um charuto que arde... queimando o sexo forte.

Mas esta divisão peca pela sua reduzida generalidade, porque só se aplica ás mulheres-peixes, isto é, ás mulheres que nadam, ou que preferem o «sport» náutico ao serviço doméstico. Além dessas há as

mulheres-mamíferos, as mulheres-aves, as mulheres-reptis, e, emfim, mulheres de todos os géneros e espécies...

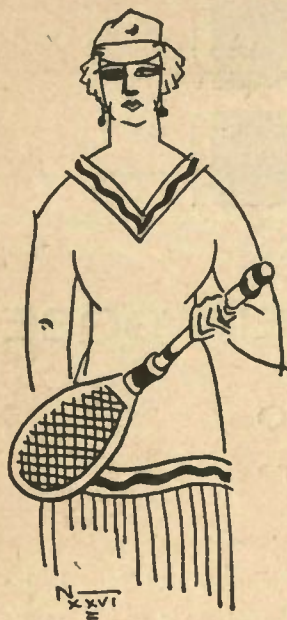
E' outra, porém, a melhor classificação da fauna feminina lisboeta. Devem ser considerados três tipos-base da mulher alfacinha, a saber: 1.º, a mulher da rua; 2.º, a mulher de casa, 3.º, a mulher de sala. Considerar-se-hão, além destes, alguns tipos mixtos, como sejam a mulher de casa e rua, isto é, a mulher de meia porta; e a mulher de casa e sala, ou seja, a mulher «en pantoufles».

Vejamos cada um destes tipos de per si.

\* \* \*

A mulher da rua só fala em «mil reis», «escudos», «contos», emfim — contos largos — em operações de baixo câmbio. São as mulheres dos pregões, as mulheres que vendem por preços relativamente baixos na Baixa e exageradamente altos na parte alta da cidade, porque — explicam elas — também teem uma tarifa como os «taxis», a qual, se não é 1, anda á roda dos 100. Assim, se um género alimentício *A* custa 7 unidades-massa na rua mais próxima da Ribeira





Nova, custará 7 X 100 unidades-massa em Xabregas ou no Lumiar, — sem alumiar nada, porque os olhos ficam cegos de ver tanto pedir...

\*  
\* \*

Lisboa tem os seus pregões característicos cantados por essas mulheres em melodias musicais, que muitos compositores

e alguns valentes tocadores de viola teem aproveitado para os seus cancioneros nos intervalos das canseiras quotidianas.

É ouvi-las:

— «A vinte mil reis o salamico, ó que azeitona no...va...a...»

— «Ó figuinho de capa rota, quem que figos quem que almoça...a...a...r.»

— «Ó, uvinhas! quem quer uvas, a dez mil reis o qui...i...lu...»

E assim por diante, as pobres mulheres, ostentando ricos cordões e as pesadas arrecadas, vão, pés descalços e a cantar, apregoando azeitonas ou figos, uvas ou tomates, cebôlas, «etççetera»...

\*  
\* \*

A mulher que apregôa tem como irmã de leite a regateira da Praça — S. Bento ou Figueira —, uns diabos de mulheres que não sabem fazer outra coisa que não seja descompôr e vomitar êsses palavrões, que um decreto fez recolher em parte ao silencio, com a multa célebre dos novecentos e noventa e nove escudos, mas que só a escola será capaz de abolir por completo.

E são os mafarricos, as desavergonhadas das

regateiras candidatas a Rainhas dos Mercados!...

\*  
\* \*

Vamos agora á mulher de casa. Lá está ela a tratar do jantar, a concertar as meias do homem e a lavar as fraldas do menino.

É a verdadeira mulher do «home». Só tem um «home», um lar, um «foyer», despreza as visitas a casa de fulana ou sicrana, não perde tempo com chás e recepções, faz todo o serviço caseiro, e criada só a usa quando o trabalho é muito ou a doença a invalida. Só tem um «home», um affecto, um amor; não é como as outras, as levianas, as frivolas, as que andam de mão em mão, como objecto de divertimento ou bilhete de lotaria...

A mulher de casa é a mulher do trabalho, a mulher incompreendida, a mulher do arranjo do lar, flor rara no lamaçal da vida das grandes cidades, a única que verdadeiramente trabalha para o ressurgimento da grei.

\*  
\* \*

Foquemos agora a mulher de sala.

Oh! que roda-viva! Bailes para aqui, amigas para acolá, chás de caridade, verbenas, o arca-da-velha! Uma dubadoira sem fim!

É a bicha á porta do cabeleireiro, á espera da vez do tonsuramento das cabecinhas ôcas de vento. E' a «maquillage» que lhes transforma as faces em portas de drogaria. Depois as sobranceiras feitas em arcos... do cego que lhes cai na mão. É a «manicure»; é a «tailleuse»; é o «five-



o'clock-tea»; é «toutes choses que nous savons»...

A mulher de sala, é a mulher que se moderniza, que absorve todo o veneno dos figurinos de lá de fóra. E' a mulher da intriga, a mulher da vaidade, a mulher da soberba, a mulher da preguiça, a mulher dos sete pecados, é a mulher de todos os pecados mortais. Estiola-se na cega-rega dos «dancings» e dos «rendez-vous». Excita-se na lubricidade dos «fox-trots», dos «ones-steps», dos «tangos», dos «black-bottons», dos «charletons», e até se esquece dos seus deveres de mulher.

Sem a verdadeira noção desses deveres sociais, abre os braços aos estupefacientes, tomando morfina e injectando em si mesma «pontapon»... para sonhar... para viver, para sentir melhor a ilusão traiçoeira da felicidade que muitas aspiram.

E esta vida da cidade prolonga-se, na época própria, nas praias e nas termas. O esgotante rodopio dos bailes exerce-se tanto lá como cá. São as ceias á americana, são as danças á americana, é o amor á americana; são as mulheres á americana, com saias curtas... de vista, vestidos decotados e cotados... muito baixo, bonecas sem cabelo, sem pudor e sem ter onde cair mortas... de tanto traballinho. Eu chego a ter pena delas! Não sabem o que é o lar, não co-

nhecem a alegria da familia reunida junto á lareira numa noite áspera de inverno; só sabem que são mulheres modernas. Ser mulher moderna, eis o seu modo de vida. Lêem os romancistas francezes e frequentam «premières» de revistas, que não lhes fazem sombra, é bom di-

zer, em matéria de decotes e «nu artístico».

\* \* \*  
Passemos agora aos meios termos. Estes dão a menina do telefone, que nunca nos «liga» nenhuma, e a gentil costureirinha, que,

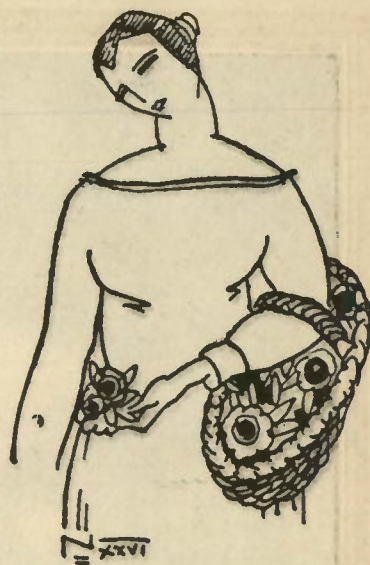
qual saltitante andorinha de amor, põe água na bôca dos transeuntes, que, ao vê-las passar no Chiado sentem ganas de lhes cantar aquelas coplas do «Cabaz de Morangos»:

«Maria, são teus olhos azeitonas!  
Cachopa, são teus labios qual cereja!»

Os meios termos são ainda a galante dactilógrafa, obreira do Estado, abelha que transforma muitas repartições em verdadeiros favos de mel. E o funcionário que chega a enjoar a mulher que se levantou, estremunhada, para lhe arranjar o almoço para o meio dia, vai encontrar no seu gabinete a frescalhona duma dactilógrafa que sabe juntar, com rapidez e descrição, as letras da palavra «amor» nas teclas duma Remington ou duma qualquer outra maquina, se tal fôr preciso...

Muitas são as fôrças do ex-sexo frágil. Pergunte-se a quem quizer a quanto montam já as fôrças duma mulher de «sport». E a mulher automobilista? E a mulher «papillon»? E a mulher que se bachareliza? E a mulher que escreve versos? E a mulher que quer derrotar o homem em toda a linha, fazendo-lhe perder até a linha, ao ouvir-lhe exigir tanta igualdade de direitos?... Mas os deveres? Onde deixa ela os deveres? A mulher tem mais deveres a cumprir, que direitos a exercer. Um único direito Adão no Paraíso lhe concedeu: é o de ser mulher — o que já não é pouco...

ADOLFO FARIA DE CASTRO





### AS NOSSAS ESTRELAS DO TEATRO

Manuela Pinto Bastos, figura primacial da arte lírica portuguesa, cujo retrato ilustra esta página, é uma das mais brilhantes estrelas da nossa constelação de artistas do teatro. A presente gravura representa a gloriosa cantora com a sua simpática Zázá, que brevemente seguirão em *tournée* para a América do Norte.

# ALMA • NOVA

V SÉRIE—JUNHO DE 1927—N.º 1

■ PREÇO 2 ESCUDOS ■